REVISTA TÓPICOS
ISSN 2965-6672 | Qualis A2

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE A PSICOPATIA EM NOTÍCIAS DIGITAIS: UMA ANÁLISE DO CASO LÁZARO BARBOSA DE SOUSA

SOCIAL REPRESENTATIONS OF PSYCHOPATHY IN DIGITAL NEWS: AN ANALYSIS OF THE LÁZARO BARBOSA DE SOUSA CASE

Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas, Ciências da Saúde •

11/11/2026

REGISTRO DOI: 10.70773/revistatopicos/794199034

Tadeu Ferreira Passos Ferreet[1]

Tadeu Ferreira Passos[2]

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso analisa as representações sociais da psicopatia em notícias digitais nacionais, com base em artigos jornalísticos dos portais G1 e UOL sobre o caso de Lázaro Barbosa de Sousa. Utilizando uma abordagem qualitativa crítica e comparativa, a pesquisa examina padrões narrativos e discursivos que contribuíram para a construção de diferentes percepções sobre a psicopatia. As representações sociais foram organizadas em três categorias principais: Representação Social de Criminalidade, que associa a psicopatia a comportamentos violentos e ameaçadores; Representação Social de Idealização, que traz uma visão multifacetada e contraditória, destacando características positivas do indivíduo; e Representação Social de Adoecimento Mental e Patologização, que vincula a psicopatia a transtornos psiquiátricos. A análise baseia-se em pesquisas e publicações de Freud, Moscovici, Kraepelin e Cleckley, além das classificações do DSM-5-TR (2013) e do CID F60.2 (DATASUS). Os resultados evidenciam uma lacuna significativa entre as narrativas midiáticas e as compreensões científicas, destacando como as notícias reforçam estereótipos e constroem percepções estigmatizantes que limitam a compreensão crítica da psicopatia. Este estudo contribui para o debate sobre a influência das narrativas midiáticas nas representações sociais e abre espaço para novas pesquisas que explorem os impactos dessas construções na percepção pública e na compreensão científica da psicopatia.

Palavras-chave: Psicopatia; Representações Sociais; Notícias Digitais; Mídia; Lázaro Barbosa.

ABSTRACT

This final-year undergraduate thesis analyzes the social representations of psychopathy in national digital news, drawing on

journalistic articles from the G1 and UOL portals regarding the case of Lázaro Barbosa de Sousa. Employing a critical, comparative, and qualitative approach, the research examines the narrative and discursive patterns that have contributed to the construction of various perceptions of psychopathy. These social representations are organized into three primary categories: the Social Representation of Criminality, which links psychopathy to violent and threatening behavior; the Social Representation of Idealization, which presents a multifaceted and contradictory view by highlighting positive traits in the individual; and the Social Representation of Mental Illness and Pathologization, which associates psychopathy with psychiatric disorders. The analysis is grounded in the work of Freud, Moscovici, Kraepelin, and Cleckley, as well as the classifications found in the DSM-5-TR (2013) and ICD-10 code F60.2 (via DATASUS). The findings reveal a significant gap between media narratives and scientific understanding, demonstrating how news coverage reinforces stereotypes and fosters stigmatizing perceptions that hinder a critical grasp of psychopathy. This study contributes to the ongoing discourse on the influence of media narratives on social representations and paves the way for further research into how such constructions shape public perception and scientific understanding of psychopathy.
Keywords: Psychopathy; Social Representations; Digital News; Mídia; Lázaro Barbosa.

1. INTRODUÇÃO

No século XIX, os estudos sobre psicopatia começaram a ganhar relevância. Pinel (1801) propôs o conceito de manie sans délire (mania sem delírio), descrevendo indivíduos com desvios morais, mas sem perda da capacidade racional. Posteriormente, Kraepelin

(1915) identificou diferentes personalidades psicopáticas, descrevendo comportamentos de crueldade, engano e perversidade. Ele proporcionou uma categorização mais abrangente, associando a psicopatia a condutas imorais e perigosas.

A psicopatia tem sido amplamente investigada ao longo dos séculos, sendo um tema que desperta interesse tanto na área clínica quanto nas relações sociais. Sua recorrente associação com figuras violentas, como assassinos em série, e sua representação em mídias, como filmes e novelas, aumenta o fascínio e a curiosidade sobre os personagens. Contudo, essas interpretações tendem a distorcer a realidade clínica, em que a psicopatia é definida por comportamentos antissociais, falta de empatia e, em alguns casos, tendência à violência. Essa complexidade e a variedade de percepções geram confusão e incertezas nas representações sociais quando a terminologia psicopatia passa a fazer parte do senso comum nas mídias digitais.

O termo psicopata tem origem no grego, a partir da combinação de psyche, que significa mente ou alma, e pathos, que denota doença ou sofrimento. Assim, a palavra é usada para designar um indivíduo que apresenta algum tipo de transtorno mental (Oliveira, 2004).

No campo da medicina, o conceito de psicopatia foi desenvolvido por diversos estudiosos, incluindo Pinel, um dos fundadores da psiquiatria moderna. Atuando no século XIX, Pinel observou pacientes com comportamentos altamente agressivos, mas que mantinham intactas suas capacidades de pensamentos lógicos e concretos.

Pinel notou que esses indivíduos eram capazes de cometer atos violentos de forma consciente, sem demonstrar arrependimento, descrevendo o fenômeno como mania sem delírio, indicando que essas pessoas apresentavam impulsividade e racionalidade simultaneamente, características que as diferenciavam de outros transtornos mentais, como delírios ou quadros de insanidade (Hauck Filho; Teixeira; Dias., 2009).

As mídias digitais ganharam força na década de 1990 com a expansão da internet e dos recursos tecnológicos. O avanço tecnológico não apenas ampliou o alcance das informações, mas também parece ter criado condições propícias para o desenvolvimento de pesquisas com estudos clínicos sobre o transtorno e as representações sociais, com publicações a respeito da temática em diferentes áreas do conhecimento. Supõe-se que as plataformas digitais tenham surgido como novos espaços de construção e difusão dessas representações, permitindo que fenômenos sociais, como crimes associados a violência e crueldade, sejam amplamente discutidos e reinterpretados.

Além do estudo clínico, a psicopatia também é um tema relevante na esfera cultural. Em estudos anteriores sobre personagens psicóticos, discutiu-se como figuras com traços psicopáticos geram fascínio e atraem o interesse do público ao serem representadas como indivíduos agressivos e violentos, contribuindo para a curiosidade da sociedade, isto é, nos reflexos das representações sociais confirmando os estudos de Ferreira (2020) quando afirma que a representação social é uma espécie de crença regional de um povo, baseado nas suas tradições, é o conhecimento criado por sentidos, pela imaginação, memória, é uma reprodução do

pensamento em torno do transtorno de Personalidade Dissocial (CID F60.2).

Com a ascensão da internet e o aumento do consumo de notícias digitais em massa, as representações sociais da psicopatia passaram por transformações significativas. Esse recorte pode ser sustentado por Freud (1979) quando apresenta a psicologia das massas, teorias que tratam de indivíduos como membro de uma linhagem, de um grupo, de um povo, que faz parte de uma multidão que se organiza para uma dada finalidade e período. Assim, as discussões sobre o transtorno da Personalidade Antissocial ressaltam a relevância de uma compreensão mais aprofundada e menos sensacionalista ou, por assim dizer, com fundamentos na ciência da psicologia, refletindo as sutilezas das representações sociais no ambiente digital. Além dos estudos clínicos, a psicopatia também tem despertado interesse na identificação cada vez mais superficial em pessoas de convívios próximos, sejam esses amigos, parentes próximos e colegas de trabalho.

Com base no contexto das análises realizadas e no uso do termo “psicopata”, tornou-se evidente a relevância de considerar fatores sociais e culturais na compreensão dos comportamentos humanos. Freud (2016), em sua obra Neurose, Psicose e Perversão, destacou que os aspectos psicológicos dos indivíduos estão profundamente interligados ao ambiente em que vivem, e que essas interações moldam tanto as percepções individuais quanto coletivas. Ele argumentou que o inconsciente humano não apenas reflete desejos internos, mas também responde às pressões e normas culturais.

Nesse sentido, a ideia de psicopatia, frequentemente abordada de maneira sensacionalista pela mídia, será analisada sob a perspectiva

de como as normas sociais influenciavam o entendimento público e as narrativas associadas. O comportamento rotulado como "psicopático", muitas vezes, pode apresentar julgamentos culturais que ignoram fatores estruturais e históricos que podem contextualizar as ações de um indivíduo.

Essa abordagem permite observar que o termo "psicopata" em artigos jornalísticos e discursos públicos frequentemente é utilizado de maneira estigmatizante, reforçando ideias de desvios absolutos e desconsiderando a complexidade das experiências humanas. A análise realizada busca, portanto, aprofundar a compreensão das representações sociais associadas a esse conceito, alinhando-se às reflexões de Freud (2016) sobre a interação entre o sujeito e o meio social.

Freud destaca (2016) os mecanismos das três estruturas da personalidade que apontam para a perturbação das relações entre o eu e o mundo exterior, elucidando a complexidade que se inicia entre a infância e a adolescência e os reflexos dos conflitos entre seus conflitos e pulsões que podem estar relacionadas ao conceito de psicopata, especialmente no que se refere à personalidade perversa.

> *A primeira estrutura (Neurose) surge das tentativas ineficazes de lidar com conflitos, a predisposição neurótica reside na história do desenvolvimento da libido. O indivíduo com personalidade neurótica ainda possui alguns critérios de avaliação da realidade, porém é incapaz de resolver os conflitos de maneira satisfatória, um exemplo de Neurose é a Fobia (medo excessivo de algo, que prejudica o dia a dia do indivíduo). Psicose (segunda estrutura) apesar de ser semanticamente parecida com a palavra psicopata, não é a estrutura que contém este tipo de patologia. Na psicose há uma perda do senso de realidade presente na personalidade do indivíduo. Um exemplo de Psicose é a Esquizofrenia devido às distorções das emoções, pensamentos e percepções da realidade. A terceira estrutura é a que pode ser associada ao conceito de psicopata, o indivíduo que possui a estrutura de personalidade perversa dispõe claramente a noção dos limites e regras estabelecidos pela sociedade, porém, sua busca pelo prazer é prioridade e as regras e os limites são desconsiderados. A disposição às perversões é a disposição originária e universal da pulsão sexual dos seres humanos (Freud, 2016, p. 57).*

Nesse caso, o indivíduo apresenta plena compreensão dos limites e regras estabelecidos pela sociedade, mas os desconsidera em função de sua busca prioritária pelo prazer. Para Freud (2016), a disposição às perversões é a disposição originária e universal da pulsão sexual dos seres humanos, evidenciando que a pulsão, quando não reprimida, pode levar à transgressão de normas.

Nesse contexto, pode-se observar que as mídias digitais parecem cumprir a função de simplificar e, ao mesmo tempo, amplificar as notícias de crimes seguidos de violência à psicopatia, ao retratar casos que ganharam destaque e visibilidade nas mídias digitais.

Talvez, mais adiante, seja relevante o embasamento teórico e documental das publicações de notícias digitais de crimes seguidos de violência à psicopatia, bem como os reflexos das compreensões e comportamentos dos indivíduos na sociedade, conforme sugerido por Oliveira (2004).

Ao longo do desenvolvimento dos estudos sobre a personalidade e os transtornos mentais, a compreensão da psicopatia passou por transformações teóricas e clínicas significativas. Embora as contribuições históricas de Kraepelin (1915) permaneçam relevantes, as abordagens contemporâneas reconhecem que a psicopatia não pode ser compreendida exclusivamente a partir de comportamentos violentos ou criminosos.

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, em sua quinta edição revisada, DSM-5-TR (APA, 2013), apresenta critérios diagnósticos para o transtorno da personalidade antissocial, caracterizado por padrões persistentes de desrespeito e violação dos direitos de outras pessoas. Entretanto, a psicopatia constitui um construto clínico mais amplo, que contempla características afetivas, interpessoais e comportamentais, não sendo classificada como diagnóstico independente pelo referido manual.

Embora os sistemas classificatórios contribuam para a identificação e a descrição dos transtornos da personalidade, sua utilização isolada não contempla necessariamente toda a complexidade dos fenômenos psicológicos. Nesse sentido, a compreensão da psicopatia demanda uma abordagem ampliada, considerando a interação entre fatores biológicos, psicológicos e sociais envolvidos no desenvolvimento e na manifestação de suas características (Lobo, 2019).

No âmbito da Classificação Internacional de Doenças, décima revisão (CID-10), o transtorno de personalidade dissocial está identificado pelo código F60.2. Segundo a Organização Mundial da Saúde, essa categoria compreende características como desconsideração pelas obrigações sociais, indiferença aos sentimentos alheios, dificuldades relacionadas às normas sociais e baixa tolerância à frustração, podendo incluir manifestações agressivas e violentas. Contudo, essas características não permitem afirmar que a violência seja uma consequência inevitável do transtorno.

Apenas uma perspectiva apresenta limitações, pois não abrange as interações complexas entre fatores psicológicos, biológicos e sociais que influenciam o comportamento psicopático. A necessidade de uma visão ampliada é destacada por estudos que apontam a psicopatia como um transtorno de origem multifatorial, resultante da interação entre fatores biopsicossociais (Lobo, 2019). Torna-se necessário distinguir a psicopatia enquanto construto clínico das categorias diagnósticas utilizadas pelos sistemas classificatórios, evitando interpretações reducionistas que associem automaticamente características psicopáticas à criminalidade ou à violência.

Além dos estudos de origem multifatorial, importante destacar que o Transtorno de Personalidade Dissocial faz parte do cadastro de específicos de Transtornos do Departamento de informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS, 2024), como CID F60.2, que é caracterizado por sentimentos de desprezo nas relações sociais, falta de sentimento e apatia com os outros com relevância para a característica marcante do desvio considerável entre comportamento e as normas sociais estabelecidas como certa ou

errada, moral ou imoral, de acordo com as normas jurídicas, sociais, culturais da sociedade.

Com relação ao comportamento, faz-se necessário destacar a dificuldade de compreensão do que seja certo ou errado, moral ou imoral, excluindo-se as da Constituição Federal, de 1988, Código Penal da República de 1994 ou Manuais de Ética e Conduta, nas Organizações. A inexistência de diretrizes alinhadas a comportamentos ditos ou vistos como inadequados nas convivências podem apresentar baixa tolerância à frustração do que se espera, deseja ou se imagina e um baixo limiar de descarga da agressividade, inclusive da violência psicológica ou física.

Existe uma tendência a culpar os outros ou a fornecer racionalizações plausíveis para explicar um comportamento que leva o sujeito a entrar em conflito com a sociedade, independente de condições sociais, culturais, econômicas e financeiras, mesmo que Lobo (2019) apresenta um recorte onde destaca que, no Brasil, as condições de vulnerabilidade social desempenham um papel importante no desenvolvimento e intensificação de traços psicopáticos.

Embora Lobo (2019) destaque que as condições de vulnerabilidade social desempenham um papel relevante no desenvolvimento e intensificação de traços psicopáticos, é necessário cautela ao relacionar diretamente aspectos, como pobreza, desigualdade e raça com o surgimento ou desenvolvimento da psicopatia. Atribuir a psicopatia a contextos de vulnerabilidade social pode sustentar a compreensão de estereótipos que associam de forma equivocada características, como pobreza, pertencimento racial e dinâmicas familiares a comportamentos antissociais violentos.

O cuidado com o entendimento a respeito do Transtorno Dissocial, considerando o fator biopsicossocial, e as representações sociais podem apresentar um novo olhar, embasada e fundamentada, do Transtorno que ainda permeia o imaginário das massas sociais, associando a psicopatia a crimes seguidos de violência e crueldade. A pesquisa com embasamento teórico e científico pode contribuir para o entendimento do Transtorno da Personalidade Dissocial (CID F60.2) aproximando-se das definições clínicas que reconhecem a psicopatia como um transtorno mais amplo, com diversas manifestações além da violência e situações de vulnerabilidade. As atuais discussões sobre a psicopatia sublinham a importância de um entendimento mais profundo e menos sensacionalista, com possibilidade de compreensão do transtorno e suas representações sociais apresentadas nas mídias digitais.

A criação de estereótipos, especialmente em casos de grande repercussão, reforça características negativas associadas à psicopatia e, muitas vezes, distorce a compreensão do transtorno na esfera clínica. A mídia digital desempenha papel relevante na cobertura de crimes e eventos de grande repercussão, podendo ou não, influenciar na construção de narrativas sociais e estereótipos sociais. A análise de casos de grande repercussão ao longo das últimas décadas permite explorar como certos elementos associados à psicopatia podem ser representados em notícias digitais e amplificados no imaginário coletivo.

O caso de Francisco de Assis Pereira, conhecido como Maníaco do Parque, ocorrido em 1998, é frequentemente citado, nas mídias digitais, por seu impacto na opinião pública. A cobertura extensiva destaca características, como crueldade e repetição de atos violentos, elementos associados à imagem popular de psicopatia

que vem sendo apresentada na pesquisa com fundamentos em Freud (1979), por exemplo.

De forma semelhante, o crime de Suzane von Richthofen, em 2002, tornou-se notícia extensiva seguido de exposição midiática, com foco em aspectos emocionais e comportamentais, como frieza e manipulação, traços frequentemente vinculados ao estereótipo de psicopata. A recorrente exposição pública, mesmo após anos do ocorrido, levanta questões sobre como figuras envolvidas em crimes são retratadas, compreendidas e refletidas nas representações sociais. Analisar esse fenômeno pode fornecer subsídios para compreender a permanência de estigmas a respeito do Transtorno de Personalidade Dissocial (CID F.60.2).

No caso de Isabella Nardoni, ocorrido em 2008, as publicações nas mídias digitais destacaram a ênfase de jornalistas e especialistas associados a comportamentos calculistas e cruéis para a opinião pública e, para leitores dos portais de notícias nacionais, devido ao impacto emocional gerado pelo caso e à fácil identificação de estereótipos de comportamentos psicopatas. O caso não envolve um diagnóstico formal de psicopatia, porém torna-se relevante para esta análise, pois demonstra como determinados traços comportamentais são amplificados e interpretados pelo público. A análise desse fenômeno oferece oportunidade de pesquisa sobre a relação entre comportamentos violentos e conceitos associados à psicopatia no imaginário coletivo.

Embora a psicopatia seja um transtorno bem definido na literatura, conforme fundamentado até aqui, as representações midiáticas frequentemente diferem das definições clínicas, gerando preconceitos e confusão no imaginário coletivo. A análise desses e

outros casos permitirá avaliar de que forma as representações sociais sobre psicopatia, presentes em notícias digitais, se distanciam das definições clínicas e reforçam percepções estigmatizantes. Com isso, pretende-se contribuir para uma compreensão crítica dessas representações mediadas e propor caminhos para uma cobertura mais equilibrada e baseada em conhecimento técnico sobre o tema. Logo, este estudo tem como objetivo geral analisar as representações sociais sobre a psicopatia em notícias digitais nacionais.

2. MÉTODO

2.1. Delineamento da Pesquisa

A presente pesquisa se caracteriza como uma pesquisa documental. Ao abordar o desenvolvimento da pesquisa documental, Gil (2008) destaca que essa metodologia envolve a exploração de fontes documentais diversificadas, que podem ser de primeira ou de segunda mão. A pesquisa em epígrafe se refere a documentos de primeira mão o autor se refere a documentos de primeira mão, todos os artigos jornalísticos, cartas, jornais, diários, filmes, fotografia, gravações e outros que não receberam qualquer tratamento analítico.

2.2. Procedimento para Coleta de Dados

A coleta de dados foi realizada através da plataforma Google News (Google Notícias), que agrega notícias de diversas fontes de mídia. A busca foi realizada a partir das palavras-chave Lázaro Barbosa e psicopata.

Após a busca, os seguintes critérios foram utilizados para a seleção das notícias: (a) fazer menção explícita aos eventos do caso de Lázaro Barbosa de Sousa; (b) apresentar algum tipo de qualificação, referente à psicopatia, sobre os atos ou a pessoa de Lázaro; (c) ter sido publicada entre 09/06/2021 e 01/10/2024; e (d) ter sido publicada em um portal de notícias de abrangência nacional. As notícias selecionadas foram capturadas e armazenadas para análise posterior. Os *links* para os artigos jornalísticos foram salvos, juntamente com o texto integral.

A escolha dos portais de notícias nacionais G1 e UOL teve como objetivo fornecer documental abrangente e consistente do caso, priorizando fontes de ampla visibilidade e acesso nacional. Essa seleção buscou assegurar que as representações sociais examinadas fossem construídas por conteúdos amplamente difundidos e influentes, o que potencializou a capacidade do estudo de interpretar, de maneira precisa e detalhada, os discursos predominantes na sociedade sobre o caso analisado.

Tabela 1. Artigos Jornalísticos e Portal de Notícias

Artigos Jornalísticos	Título	Data de publicação	Portal de notícias
Artigo 01	O que se sabe e o que falta saber sobre o assassinato família em Ceilândia-DF	10 de junho de 2021	G1 https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2021/06/10/triplo-homicidio-e-sequestro-de-mulher-no-df-o-que-se-sabe-e-o-que-falta-saber.ghtml

Artigo 02	Ele não está brincando, vai atirar para matar, opina criminóloga Ilana Casoy sobre suspeito da Chacina de família do DF.	16 de junho de 2021	G1 https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2021/06/16/ele-nao-esta-brincando-vai-atirar-para-matar-opina-criminologa-ilana-casoy-sobre-suspeito-de-chacina-de-familia-no-df.ghtml
Artigo 3	Lázaro Barbosa: 'Não existe comando', diz PM do DF sobre buscas; especialistas criticam falta de planejamento	17 de junho de 2021	G1 https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2021/06/17/lazaro-barbosa-nao-existe-comando-reclama-pm-do-df-sobre-buscas-especialistas-criticam-falta-de-planejamento.ghtml
Artigo 4	Lázaro Barbosa: Não tem forma de ser corrigido, diz psiquiatra forense	18 de junho de 2021	UOL https://noticias.uol.com.br/videos/2021/06/18/lazaro-barbosa-nao-tem-forma-de-ser-corrigido-nasceu-e-vai-morrer-assim-diz-psiquiatra-forense.htm
Artigo 5	Especialistas dizem que Lázaro Barbosa tem 'traços de psicopatia; confira características	23 de junho de 2021	G1 https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2021/06/23/especialistas-dizem-que-lazaro-barbosa-tem-tracos-de-psicopatia-confira-caracteristicas.ghtml

Artigo 6	Caso Lázaro: mãe diz que não tem culpa pelos crimes do filho	26 de junho de 2021	UOL https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2021/06/26/mae-de-lazaro-barbosa-procurado-pela-policia-nao-tenho-culpa-de-nada.htm
Artigo 7	Caso Lázaro Barbosa: veja 16 pontos sobre buscas por fugitivo, que morreu após confronto com a polícia	28 de junho de 2021	G1 https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2021/06/27/caso-lazaro-veja-o-que-se-sabe-sobre-as-buscas-e-a-investigacao.ghtml
Artigo 8	Lázaro Barbosa: O que se sabe sobre os crimes em sua ficha corrida	28 de junho de 2021	UOL https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2021/06/28/caso-lazaro-barbosa-crimes.htm

Foram identificados oito artigos publicados nos portais G1 e UOL, de 10 de junho de 2021 a 28 de junho de 2021, o que corresponde ao período de grande repercussão do caso Lázaro Barbosa. Os artigos jornalísticos selecionados foram elaborados por jornalistas especializados, que entrevistaram, em sua maioria, profissionais da área de saúde mental, como psiquiatras e psicólogos, autoridades de segurança, como delegados, e representantes do sistema judiciário, como magistrados. Além disso, depoimentos de familiares, como o de Eva Maria Sousa, mãe de Lázaro Barbosa, foram incluídos pelos jornalistas.

2.3. Procedimentos de Análise

A análise das notícias foi conduzida com uma abordagem qualitativa crítica e comparativa, a partir de duas etapas analíticas: (1) análise descritiva dos termos associados aos atos e à pessoa de Lázaro e (2) análise por eixos temáticos dos termos identificados.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

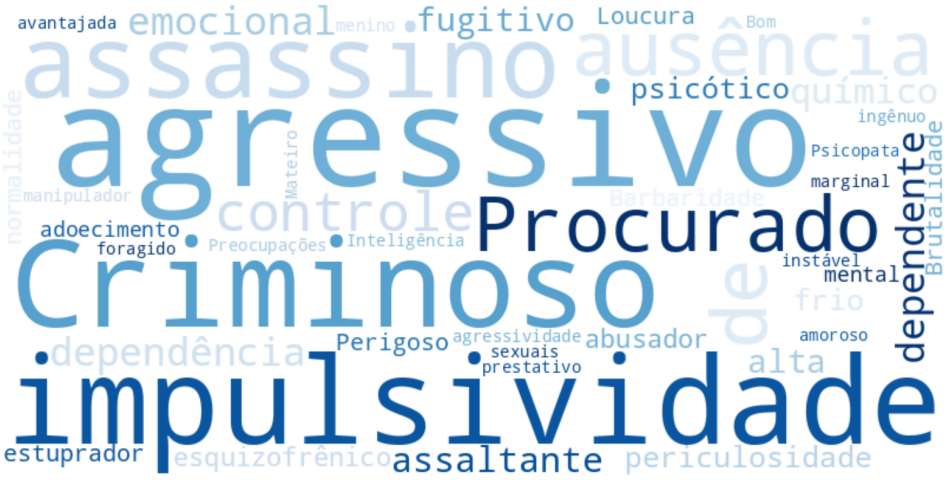
A análise descritiva dos adjetivos apresentados nos artigos jornalísticos permitiu identificar a diversidade de características atribuídas a Lázaro durante o percurso das notícias sobre comportamentos.

A Figura 1 - Nuvem de palavras apresenta um compilado dos adjetivos. Destaca-se que os adjetivos: impulsividade, criminoso e agressivo são aqueles que ocorreram com maior frequência. Em seguida, os termos mais frequentes foram: assassino, procurado, ausência [de sentimentos].

Os demais termos englobam qualificadores sobre os comportamentos e atos, tais como brutalidade e agressividade, assim como qualificadores para o indivíduo, como assaltante, estuprador e dependente [químico].

Nota-se que o conjunto dos adjetivos, de maneira geral, prescinde de juízos de valor. No entanto, em menor frequência é possível reconhecer menções a juízos de valor pejorativos, como os termos frio, perigoso e instável, mas, de maneira concomitante, palavras como bom, amoroso e ingênuo.

Figura 1. Nuvem de palavras dos termos associados a Lázaro Barbosa de Sousa.



A descrição das palavras permite reconhecer qualidades e atribuições variadas e, inclusive, contraditórias. A análise dos adjetivos destacados revelou a necessidade de estruturação das mesmas em três categorias (título do artigo/categoria).

Os adjetivos destacados na nuvem de palavras foram organizados e categorizados, na Tabela 2, que apresenta os artigos jornalísticos publicados nos portais G1 e UOL, numerados de 1 a 8 com associação dos atribuídos aos comportamentos e ato de Lázaro Barbosa.

As três categorias de representações sociais, da Tabela 2, estão classificadas e nomeadas da seguinte forma: criminalidade, idealização e adoecimento mental/patologização.

Tabela 2. Artigos Jornalísticos e Adjetivos atribuídos

Artigo Jornalístico	Título do artigo / Categorias	Adjetivos atribuídos à Lázaro Barbosa
1. Representação Social de Criminalidade		
Artigo 1	O que se sabe e o que falta saber sobre o assassinato família em Ceilândia-DF	(a) Procurado, (b) assassino e (c) assaltante
Artigo 2	Ele não está brincando, vai atirar para matar, opina	(a) Assaltante, (b) fugitivo, (c) alta

	criminóloga Ilana Pasoy sobre suspeito da Chacina de família do DF.	periculosidade, (d) abusador e (e) estuprador
Artigo 3	Lázaro Barbosa: 'Não existe comando', diz PM do DF sobre buscas; especialistas criticam falta de planejamento	(a) Barbaridade e (b) brutalidade
Artigo 5	Especialistas dizem que Lázaro Barbosa tem 'traços de psicopatia; confira características	(a) Agressividade
Artigo 7	Caso Lázaro Barbosa: veja 16 pontos sobre buscas por fugitivo, que morreu após confronto com a polícia	(a) Criminoso
Artigo 8	Lázaro Barbosa: O que se sabe sobre os crimes em sua ficha corrida	(a) Criminoso, (b) assassino e (c) foragido, (d) satanista e (e) monstro.
Artigo 1	O que se sabe e o que falta saber sobre o assassinato família em Ceilândia-DF	(a) Agressivo e (b) impulsivo
Artigo 2	Ele não está brincando, vai atirar para matar, opina criminóloga Ilana Pasoy sobre suspeito da Chacina de família do DF.	(a) Ausência de controle (b) dependência emocional (c) frio
Artigo 5	Especialistas dizem que Lázaro Barbosa tem 'traços de psicopatia; confira características	(a) Impulsividade (b) manipulador (c) agressivo (d) instável e (e) preocupações sexuais
2. Representação Social de Idealização		
Artigo 5	Especialistas dizem que Lázaro Barbosa tem 'traços de	(a) organização e estrutura mental e (b) inteligência avantajada

	psicopatia; confira características	
Artigo 6	Caso Lázaro: mãe diz que não tem culpa pelos crimes do filho	(a) Bom menino, (b) Ingênuo e (c)amoroso
3. Representação Social de Adoecimento Mental / Patologização		
Artigo 2	Ele não está brincando, vai atirar para matar, opina criminóloga Ilana Pasoy sobre suspeito da Chacina de família do DF.	(a) Psicótico e (b) Esquizofrênico
Artigo 4	Lázaro Barbosa: Não tem forma de ser corrigido, diz psiquiatra forense	(a) Loucura (b) Anormalidade e (c) Adoecimento Mental
Artigo 7	Caso Lázaro Barbosa: veja 16 pontos sobre buscas por fugitivo, que morreu após confronto com a polícia	(a) Psicopata

Na categoria 1. Representação Social de Criminalidade, os adjetivos associados a Lázaro Barbosa, reforçam sua imagem como uma ameaça à sociedade e à sociedade. Esses adjetivos destacam a gravidade dos crimes cometidos e contribuem para a construção de uma figura que simboliza a desordem, descumprimento normas e valores sociais.

Essa representação enfatiza a necessidade de controle e punição, alimentando debates sobre as Leis, segurança pública e medidas punitivas. No entanto, observa-se uma tendência à estereotipização da imagem de Lázaro ao crime, reduzindo a complexidade das dimensões biológica, social e psicológica

Para a categoria 2. Representação Social de Idealização, curiosamente, os adjetivos apresentados são divergentes, paradoxais

e se contrapõem aos comportamentos associados à categoria 1. Representação Social de Criminalidade. Os adjetivos positivos atribuídos a Lázaro Barbosa são idealizados pela sociedade como normais, a exemplo dos adjetivos atribuídos pela mãe: ingênuo, amoroso e bom menino.

Assim, a categoria 2. Representação Social de Idealização não só distancia Lázaro Barbosa da Categoria Social 1. Criminalidade, como o coloca em uma estrutura estereotipada de herói, invencível e admirável por sua inteligência avantajada, amorosidade e comportamento ingênuo.

Na categoria 3. Representação Social de Adoecimento Mental / Patologização, os adjetivos como loucura, normalidade, adoecimento mental e psicopatia são empregados para descrever aspectos de adoecimento e sofrimento psicológico que fundamentam explicações para os comportamentos e atos cometidos.

Os adjetivos aqui atribuídos, se aproximam do entendimento e compreensão da saúde mental, porém, ainda com visão estereotipadas e estigmatizadas. A patologização reforça a ideia de que os comportamentos e atos de Lázaro são de uma condição mental irreparável, distorcendo conceitos científicos e desconsiderando a complexidade das condições biopsicossociais.

A categoria 3. Representação Social de Adoecimento Mental / Patologização ainda está próxima e associada à Categoria 1. Representação Social da Criminalidade, ignorando as nuances entre comportamento e atos criminosos do adoecimento mental.

A construção da imagem de Lázaro Barbosa como psicopata associada a outros adjetivos dotado de características sobre humanas, insere elementos simbólicos que não possuem base clínica, mas que se alinham ao fenômeno das psicopatias estereotipadas nas mídias digitais — conceito que descreve a simplificação da psicopatia em uma ideia popular de crueldade (Monteiro, 2014).

Ao adotar tais adjetivos, os artigos jornalísticos contribuem para uma percepção que podem não apresentar fundamentos de estudos clínicos, apresentando apenas recortes de comportamentos com propriedade sensacionalista. Kraepelin (1915) identificou em sua pesquisa que as narrativas sobre personalidade psicopática frequentemente incluíam uma construção exagerada e sensacionalista, que se distancia da realidade clínica para se aproximar de um retrato socialmente compreendido e condenado.

Assim, adjetivos que não sejam clínicos associados à palavra psicopata criam um efeito que exalta o perigo, distanciando a figura de Lázaro Barbosa de uma compreensão científica e aproximando-a de um conceito generalizado de figura do mal e diabólica.

A palavra psicopata associada aos termos diabólico, satanista, cruel, criminoso, frio, assassino, agressivo e louco evoca uma ideia de que Lázaro Barbosa seria naturalmente inclinado e associado à figura de sujeito anormal por não atender às regras impostas pela sociedade, o que Moscovici (1978) observa como uma simplificação perigosa que resulta em estereótipos e preconceitos sociais.

A associação reducionista entre a psicopatia e crueldade publicadas nas mídias digitais, se distanciam do conceito do Transtorno da

Personalidade Dissocial (CID F60.2), reforçando uma imagem distorcida da condição, que, na realidade, é representada por características como a falta de empatia, manipulação e impulsividade, e não necessariamente por uma inclinação inevitável à violência.

A menção à imprevisibilidade de Lázaro Barbosa, como uma característica inata, também se alinha ao conceito de uma psicopatia reforçada nas publicações das mídias digitais, pois estabelece uma imagem de periculosidade que difere do comportamento humano previsível e, portanto, controlável.

Em relação aos adjetivos, eles foram associados aos títulos dos artigos preservando sua linguagem, tempo verbal as repetições, visando reforçar as ênfases e associações dos adjetivos à palavra psicopatia. Moscovici (1978) explica que, ao recorrer a uma linguagem que enfatiza o perigo absoluto ou o caos, a mídia se torna um agente de reforço dos conceitos já presentes no imaginário coletivo, em vez de promover um entendimento crítico com base na ciência da psicologia.

Os artigos jornalísticos, ao enfatizar o termo psicopata associados a adjetivos associados à violência, brutalidade, agressividade e outras, inata e características quase sobre-humanas, acabam mistificando as nuances do transtorno dissocial CID F.60.2 Além disso, ao destacar o histórico de comportamentos e atos de Lázaro Barbosa, os artigos jornalísticos associam os mesmos a uma imagem de psicopatia.

A descrição detalhada de ações como invasões de propriedades e episódios de violência reforça o estereótipo de que psicopatia e violência são intrinsecamente conectadas, o que distorce a definição

clínica da psicopatia, na qual a propensão à violência não é um requisito diagnóstico constatado no DSM-5-TR (APA, 2013).

Analisando o artigo jornalístico 3 identificou-se que a imagem de Lázaro Barbosa está associada aos adjetivos, como: barbaridade e brutalidade reforçando e associando à imagem estereotipada maldade satanista e diabólica desconsiderando fatores biopsicossocial, conforme estudos de Lobo (2019).

Logo nos primeiros parágrafos do artigo 3, a imagem de Lázaro Barbosa aparece associada a ameaças significativas para a sociedade, ao descrever o suspeito como de alta periculosidade e sujeito sem falta de remorso. Para Moscovici (1978), a mídia, na sua abreviação da complexidade do transtorno dissocial F60.2 pode contribuir e reforçar as representações sociais ligeiramente interpretadas por leitores e consumidores de artigos jornalísticos publicados em mídias digitais.

Ao apresentar o termo psicopata associado a uma ficha criminal extensa, publicada no artigo jornalístico 3, na sua razoabilidade, apresenta o termo psicopatia associada e inseparável a violência extrema. No entanto, o DSM-5-TR (APA, 2013) e ainda, DATASUS, 2024, CID F60.2, pontua que a psicopatia é caracterizada por traços como impulsividade e ausência de empatia, mas não implica necessariamente em violência.

Essa desconexão entre a representação social e estudos clínicos reforça uma percepção que pode ser distorcida e sem fundamentação, onde o termo psicopata acaba sendo associado aos sensacionalismos e a personagens fantasiosos e mistificados pelo público.

A construção da imagem de Lázaro Barbosa como sujeito de periculosidade extrema e bárbaro, apresentada o artigo jornalístico 5, alinhou-se à narrativa midiática frequentemente adotada para descrever indivíduos associados à psicopatia. Essa abordagem, baseada na amplificação da crueldade percebida, simplificou sua figura, transformando-o em um símbolo de ameaça incontrolável.

O uso recorrente de adjetivos associados à psicopatia, como: satanista e monstro contribui para a construção da imagem estigmatizante de personagens midiáticos que, embora desperte fascínio e medo, reduz a complexidade dos fatores biopsicossociais, envolvidos na formação de seus comportamentos conforme os adjetivos encontrados no artigo jornalístico 8.

Essa estratégia narrativa da mídia, ao criar um distanciamento entre a humanidade do sujeito e sua representação pública, contribuiu para justificar sua exclusão social e a manutenção de estereótipos que dificultaram um olhar mais crítico sobre o caso e oportunidades de estudos clínicos e científicos oportunos e adequados.

Freud (1979), ao analisar a construção psíquica do indivíduo em relação ao grupo social, apontou que a sociedade utiliza rótulos e categorias para lidar com aquilo que considera desviante ou incompreensível. Atribuir adjetivos carregados de significados como bárbaro ou irrecuperável não apenas reforçou o isolamento de Lázaro Barbosa, mas também facilitou a aceitação de sua figura, como algo que precisa ser eliminado para a segurança coletiva.

Nos estudos de Freud, é importante destacar que, os adjetivos atribuídos a Lázaro Barbosa, operam como mecanismos de defesa social, permitindo que a comunidade projete seus medos em um

outro que simboliza o mal, o diabólico. A ênfase nos atos cruéis e a exclusão de nuances sobre o diagnóstico contribuíram para perpetuar estigmas em torno de transtornos de personalidade.

Além disso, a falta de conhecimento fundamentado e com base na clínica e na ciência contribuíram para o distanciamento do CID F60.2 - Personalidade Dissocial. Nesse sentido, as narrativas presentes nos artigos jornalísticos cumpriram o papel de protagonizar Lázaro Barbosa como personagem diabólico ou satanista, sem abrir espaço para reflexões sobre as falhas estruturais das políticas públicas, do sistema social e psicossocial que contribuíram para seus comportamentos e atos contrários às Leis e Normas da sociedade.

Adicionalmente, a simplificação do termo psicopatia, promovido pela mídia digital, ao enfatizar a periculosidade de Lázaro Barbosa ignorou aspectos críticos de sua história, como sua infância marcada por traumas, pobreza extrema e exclusão social. A visão reducionista de sua personalidade como psicopática negligenciou os fatores ambientais e as condições que potencializam suas características dissociais, o que Freud (1979) descreveu como a influência do meio na formação do sujeito na infância e na internalização das normas sociais.

Quando a narrativa pública se concentrou exclusivamente em seus atos violentos, ela desconsiderou os desafios enfrentados por Lázaro Barbosa em contextos de vulnerabilidade, que poderiam ter sido abordados de forma clínica e preventiva.

A representação reducionista da psicopatia contribuiu para reflexões significativas nas discussões públicas, entre especialistas, estudiosos

da saúde mental, psicólogos, médicos, delegados, juízes e magistrados.

Freud (1979), ao estudar os processos de identificação e projeção no grupo social, argumentou que a categorização de indivíduos como irremediavelmente perigosos reflete não apenas o desejo de controle sobre o desvio, mas também a necessidade de reafirmar fronteiras entre o aceitável e o inaceitável na convivência social.

Com as publicações dos artigos, a respeito do caso Lázaro Barbosa, os conceitos de psicopatia, nos recortes e representações sociais, estão interpretados como ideia fixa de personalidade maldosa e cruel, onde o comportamento do indivíduo é visto como inevitavelmente desviante e irrecuperável, ignorando os fatores biopsicossociais que influenciam a construção de sua personalidade.

Essa representação da psicopatia a um conceito limitado, negligenciando a complexidade dos transtornos do comportamento social e suas manifestações quando associadas a comportamentos violentos e criminosos contribuíram para afixação e rótulos estereotipados desumanizam o indivíduo, tornando-o uma figura de fascínio e, ao mesmo tempo de ameaça coletiva.

Considerando ainda, as perspectivas de Kraepelin (1915), essa abordagem reforça a necessidade social de categorizar comportamentos incomuns em moldes que justificam sua exclusão, enquanto projetam o desejo de controle sobre aqueles que são percebidos como uma ameaça à estabilidade social.

Além disso, ao transformar figuras como Lázaro Barbosa em símbolos de perigo, as narrativas jornalísticas contribuem para a perpetuação de uma visão fatalista e estigmatizante da psicopatia.

Essa perspectiva não apenas ignora os fatores sociais e ambientais que podem agravar comportamentos dissociais, mas também impede que sejam discutidas alternativas para a reintegração e o manejo desses indivíduos. O relato reforça o conceito de periculosidade como um estado imutável, alinhando-se à tendência de tratar a psicopatia como uma condição irrecuperável.

Importante destacar que a sensação de injustiça levanta questões importantes sobre a relação entre a psicopatia e a legislação jurídica ou condutas éticas e morais da sociedade. Ao associar características como falta de empatia e impulsividade ao crime, a mídia e a sociedade muitas vezes ignoram a necessidade de políticas públicas que tratem esses indivíduos com intervenções específicas, que vão além da punição tradicional. Ao sintetizar a psicopatia como um rótulo de maldade essencial, a sociedade tende a reforçar sua própria necessidade de separação entre o aceitável e o desvio, ao invés de buscar compreensão e soluções mais inclusivas.

As análises dos artigos jornalísticos sobre o caso se fazem necessárias quando nos permite observar um padrão consistente nas representações sociais da psicopatia, reforçadas pela cobertura midiática. Nos oito artigos jornalísticos, há uma ênfase na construção de Lázaro Barbosa como um psicopata associada a um sujeito que encarna o mal absoluto, associado a termos como periculosidade, irrecuperável e sobre humano, que ampliam a percepção de que se trata de um indivíduo, perigoso e essencialmente incorruptível.

Esse tipo de cobertura pode ser característico do papel da mídia na simplificação de temas complexos, transformando-os em

representações fáceis de compreender pelo público e que tendem a reforçar estereótipos e estigmas.

No artigo jornalístico 4, o psiquiatra forense Guido Palomba descreve Lázaro Barbosa como alguém sem possibilidade de reabilitação, uma afirmação que se alinha à ideia de psicopatias midiáticas mencionada nos artigos jornalísticos anteriores, onde o termo psicopata é associado a um comportamento de maldade inata e irreversível. Os adjetivos destacados no artigo 4 podem acentuar uma visão sem fundamentação ou embasamento científico da clínica, promovendo a ideia de que o indivíduo é irremediavelmente perigoso.

A representação da psicopatia como manifestação de uma maldade intrínseca e permanente distancia-se da abordagem clínica desenvolvida por Cleckley (1941), que descreveu características específicas da personalidade psicopática, sem reduzi-la à violência inevitável. Essa perspectiva também exige uma distinção em relação às classificações diagnósticas do DSM-5-TR (2013) e da CID-10, especialmente à categoria F60.2, referente ao transtorno de personalidade dissocial, que contempla padrões persistentes de comportamento e dificuldades nas relações interpessoais, sem pressupor necessariamente a manifestação de violência incontrolável.

Ainda, no artigo 4 os adjetivos associados a Lázaro Barbosa, como: loucura, anormalidade e adoecimento mental, são apresentados pelos psiquiatras forenses, Guido Palomba e June Megre que analisam e trazem reflexões sobre seus comportamentos, enfatizando-o como sujeito periculoso e incontornável, sem contrapontos ou discussão de nuances.

A abordagem não considera a complexidade da condição, abordando-a apenas como uma ameaça constante, e contribui para um senso de urgência e medo em relação ao suspeito, tal como ocorre nas matérias anteriores.

Esse recurso retórico se alinha com a observação de Freud (1979), que destaca como representações midiáticas simplificadas e que podem contribuir na criação e imaginário de sujeitos com maldade absoluta e que servem como catalisadoras de temor e sensação de insegurança para a sociedade associada fascínio de obras e histórias de crimes seguidos de perversidade.

No artigo jornalístico 6, a entrevista com a Senhora Eva Maria, mãe de Lázaro, merece destaque os adjetivos atribuídos ao filho: bom menino, amoroso e ingênuo, como tentativa de manejo de ressignificação dos comportamentos e atos praticados pelo do filho através dos laços e traços afetivos. A representação social apresentada pela mãe contrasta com os adjetivos apresentados nos demais artigos jornalísticos, criando uma narrativa complexa que reflete as dificuldades emocionais e culturais em lidar com comportamentos antissociais de Lázaro Barbosa.

As narrativas apresentadas estão associadas a estudos publicados por Freud com relação às experiências do sujeito, na primeira infância quando desempenham um papel crucial na formação de padrões comportamentais e na internalização de normas sociais. No caso de Lázaro Barbosa, a ausência de um ambiente familiar estruturado e a exposição às violências sociais e ausência de normas e regras podem estar associadas à dificuldade de relacionamentos sociais e compreensão de normas e regras sociais e coletivas.

O artigo 6, também destaca as limitações das políticas públicas em proporcionar intervenções adequadas para indivíduos com transtornos dissociais CID F60.2. Embora o diagnóstico de Lázaro Barbosa indicasse a necessidade de acompanhamento especializado, as medidas tomadas foram insuficientes para prevenir reincidências. Isso evidencia uma falha no sistema em integrar abordagens de saúde mental e justiça social, limitando as possibilidades de reabilitação do sujeito na sociedade.

No artigo jornalístico 7, elementos relevantes são apresentados de forma a contribuir na desassociação entre o diagnóstico de Transtorno Dissocial - F60.2 e as representações sociais construídas a respeito de Lázaro Barbosa. Essa condição, apresenta características como desprezo pelas normas sociais, falta de empatia, impulsividade e dificuldade em modificar comportamentos, mesmo após punições ou experiências adversas.

No caso de Lázaro Barbosa, o diagnóstico clínico recebido no Complexo Penitenciário da Papuda reflete as dificuldades significativas em regular emoções e lidar com frustrações, aspectos evidenciados na narrativa sobre sua trajetória de vida.

A ficha de crimes descrita, incluindo homicídios e invasões em residências de forma violentas, ilustra comportamentos dissociais que desafiam as normas sociais e reforçam as representações públicas de periculosidade e imprevisibilidade. A ausência de suporte contínuo após o diagnóstico, somada ao isolamento social da família e às dificuldades econômicas, pode ter contribuído para a perpetuação desse ciclo de violência.

As representações sociais apresentadas nas narrativas jornalísticas reforçam uma visão simplificada do Transtorno Dissocial, muitas vezes associando-o violência e crueldade. Essas descrições, embora amplamente utilizadas, não capturam a complexidade do diagnóstico e podem perpetuar estigmas, dificultando o desenvolvimento de abordagens mais humanizadas. Ao explorar as relações familiares, sociais e clínicas no caso de Lázaro, a análise crítica permite identificar como fatores biopsicossociais se entrelaçam na formação de comportamentos disruptivos e na percepção pública de indivíduos com esse transtorno.

Palavras como assassino, criminoso, fugitivo e perigoso destacam a ênfase na periculosidade e na ameaça representada, enquanto termos como psicopata, esquizofrênico e adoecimento mental sugerem uma tentativa de associar suas ações a características psicológicas ou transtornos mentais. Além disso, expressões como impulsividade, agressivo e ausência de controle reforçam a construção de uma imagem de instabilidade emocional e comportamental.

Por outro lado, termos atribuídos como: bom menino, ingênuo e amoroso, artigo jornalístico 6, também emergiram, evidenciando uma narrativa contrastante que humaniza Lázaro Barbosa ou tenta justificar comportamentos dentro de um contexto complexo e diverso.

A diversidade de adjetivos desconexos e desassociados ao fundamento clínico e científico da personalidade dissocial pode ilustrar e representar o sujeito Lázaro Barbosa como figura emblemática e unilateral ao comportamento e ato criminoso.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho de conclusão de curso teve como objetivo geral analisar as representações sociais sobre a psicopatia em notícias digitais nacionais. Por meio de uma abordagem qualitativa crítica e comparativa, a partir do caso de Lázaro Barbosa de Sousa, foram examinados padrões narrativos e discursivos que contribuíram para a construção de diferentes percepções sobre a psicopatia, associando-a a comportamentos criminosos, adoecimento mental e características sociais específicas.

Os resultados evidenciaram que as notícias digitais remeteram a representações sociais sobre a psicopatia, utilizando termos que reforçam estereótipos. A pesquisa revelou padrões consistentes nas representações sociais da psicopatia nos artigos jornalísticos selecionados e analisados, evidenciando como as narrativas publicadas, nas mídias digitais, reforçam os comportamentos e atos de violência e periculosidade à psicopatia.

Os adjetivos que destacam comportamentos violentos atribuem a Lázaro Barbosa o estereótipo de criminoso e figura ameaçadora para a sociedade. Essa abordagem contribui para reforçar o medo coletivo e a demanda por medidas punitivas, enquanto frequentemente negligencia contextos biopsicossociais que poderiam oferecer suportes e adequados, como o suporte clínico.

Ao mesmo tempo, as narrativas exploram traços quase sobre-humanos, atribuindo a Lázaro Barbosa características de inteligência avantajada, ingenuidade e amorosidade que geram paradoxos a respeito dos seus comportamentos. As representações sociais se

misturam entre o medo, o fascínio e o desejo de condenação, criando uma figura que desperta tanto temor quanto curiosidade.

Essa idealização negativa reflete a tendência das publicações, nas mídias digitais, de estereotipar sujeitos transgressores de leis e normas, promovendo uma visão que reforça estereótipos de heróis com inteligência avantajada.

Além disso, os adjetivos associados ao adoecimento mental reforçam uma visão reducionista e estigmatizante, conectando os comportamentos e atos de Lázaro Barbosa a condições psicológicas de forma simplificada e reducionista. Essa patologização promove estereótipos que associam transtornos mentais à criminalidade, desconsiderando análises dos seus históricos biológicos, sociais e psicológicos (biposicossocias) e distantes dos estudos clínicos. A forma como a psicopatia é tratada nos artigos jornalísticos o conhecimento fundamentado na ciência reforça estigmas que impactam negativamente a percepção pública.

Os artigos jornalísticos apresentados, contribuíram também, para novas e oportunas discussões sobre as leis criminais e a atenção biopsicossocial do sujeito. A associação reducionista atribuída a Lázaro Barbosa, como uma ameaça em potencial, reflete uma representação social que tende a associar a psicopatia a uma predisposição inata para o crime.

A pesquisa realizada abre espaço para novos estudos que explorem a relação entre as narrativas midiáticas e a compreensão científica, aprofundando o debate sobre as análises das representações sociais na construção de estigmas e na percepção coletiva sobre a psicopatia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos** mentais - DSM-5-TR. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013. Disponível em: https://archive.org/details/dsm-5_202110. Acesso em: 28 out. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. **DATASUS** (Departamento de Informática do SUS). 2024. Disponível em: http://www2.datasus.gov.br/cid10/V2008/WebHelp/f60_f69.htm#:~:text=F60.2%20Personalidade%20dissocial&text=O%20comportamento%20n%C3%A3o%20%C3%A9%20facilmente,da%20agressividade%2C%20inclusive%20da%20viol%C3%AAncia. Acesso em: 28. out. 2024.

CLECKLEY, Hervey M. **The mask of sanity: an attempt to reinterpret the so-called psychopathic personality.** St. Louis: The C. V. Mosby Company, 1941.

FERREIRA, A.B.H. **Novo dicionário Aurélio da Língua Portugues.** Rio de Janeiro. 1994

FERREIRA, L. S. **A influência da mídia na percepção pública da psicopatia.** Revista Brasileira de Psicologia Social, São Paulo, v. 25, n. 3, p. 45-60, jul./set. 2020. Disponível em: https://www.revbraspsicossocial.org.br/a-influencia-da-midia-na-percepcao-publica-da-psicopatia. Acesso em: 10 dez. 2024.

FREUD S. (1979). **Psicología de las masas y análisis del yo.** In. S. Freud, Obras completas (1ª ed., vol. 18). Buenos Aires: Amorrortu editores. (Trabalho original publicado em 1921). https://ia601304.us.archive.org/26/items/OMALESTARNACIVILIZAOFR

EUD/O%20MAL%20ESTAR%20NA%20CIVILIZA%C3%87%C3%83O%20FREUD.pdf

FREUD, S. **A constituição do infantil na obra de Freud.** Estudos de Psicologia (Campinas), 2007. Disponível em: https://www.scielo.br/j/epsic/a/THrZvYF8GzLyy7XRDk7BPSp/#. Acesso em: 20 nov. 2024.

FREUD, Sigmund. **Neurose, Psicose e Perversão.** Autêntica, 2016.

G1. **Sobre o G1.** Disponível em: https://g1.globo.com/institucional/sobre-o-g1.ghtml. Acesso em: 01 out. 2024.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6ª Edição. Atlas. São Paulo. 2008. Disponível em: https://ayanrafael.com/wp-content/uploads/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf. Acesso em: 29 set. 2024.

HAUCK FILHO, Nelson; TEIXEIRA, Marco Antônio Pereira; DIAS, Ana Cristina Garcia. **Psicopatia: o construto e sua avaliação.** Avaliação Psicológica, Porto Alegre, v. 8, n. 3, p. 337–346, dez. 2009. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712009000300006. Acesso em: 7 dez. 2024.

KRAEPELIN, Emil**. Psicopatologia Geral**. 6ª ed. Belo Horizonte: Guanabara Koogan, 1915. Versão em Inglês: https://archive.org/details/lecturesonclini00kraegoog. Acesso em: 09 nov. 2024

LINO, Denis et al . **Psicopatia e Crime: São Todos os Homicidas Psicopatas?. Aval. psicol.,** Campinas , v. 21, n. 2, p. 187-196, jun. 2022 . Disponível em https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712022000200007. Acesso em: 07 dez. 2024

LOBO, Marisa. **Psicopatia e Comportamento Antissocial: Uma Visão Biopsicossocial.** Curitiba: Appris, 2019.

MONTEIRO, Renan Pereira. **Entendendo a Psicopatia: Contribuição dos traços de personalidade e valores humanos.** Dissertação de Mestrado. UFPB – João Pessoas, 2014. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/7564/2/arquivototal.pdf Acesso em 27 set. 2024

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise.** Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

OLIVEIRA, Márcio S. B. S. de. **Representações sociais e sociedades: a contribuição de Serge Moscovici.** Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 19, n. 55, jun. 2004. DOI: https://doi.org/10.1590/S0102-69092004000200014. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/hxygmJs8PvY8S54bqn8hdzQ/?lang=pt. Acesso em: 10 out. 2024

PINEL, P. **Tratado médico-filosófico sobre a alienação mental.** 2. ed. São Paulo: Editora Acadêmica, 1809. [Tradução em português]. Disponível em: https://www.redalyc.org/pdf/2330/233016510014.pdf. Acesso em: 01 set. 2024

UOL. **QUEM SOMOS.** Disponível em: https://sobreuol.noticias.uol.com.br/quem-somos/index.htm. Acesso

em: 01 set 2024.

---

[1] Doutorando em Políticas Sociais e Cidadania (UCSAL); Mestre em Desenvolvimento Humano e Responsabilidade Social (FVC). Psicólogo CRP 03/32607. Psicanalista. Especialista em Comportamento Humano e Professor.

[2] Doutorando em Políticas Sociais e Cidadania (UCSAL); Mestre em Desenvolvimento Humano e Responsabilidade Social (FVC). Psicólogo CRP 03/32607. Psicanalista. Especialista em Comportamento Humano e Professor.